



NÚCLEO DE DIREITOS INDÍGENAS

CEDI - P. I. B.
DATA 01/04/93
COD. XCD00051

RELATÓRIO

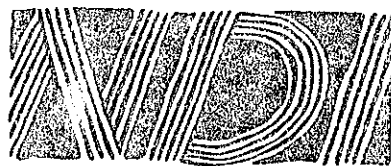
Assunto : Viagem à Área Indígena Xikrim do Cateté, localizada no município de Parauapebas, estado do Pará, para discutir a exploração de madeira no seu interior.

Período : 3 a 9 de março de 1993.

Saí de Brasília no dia 9/03, às 13:45 horas, com destino à cidade de Marabá. Já no avião encontrei-me com a antropóloga Isabelle Giannini, que acompanha os índios Xikrim. Cheguei a Marabá por volta das 16:30 horas. Nesse mesmo dia, eu e Isabelle conversamos com o administrador regional da FUNAI em Marabá, Roberto Costa, sobre a situação da Área Indígena Xikrim do Cateté, abordando principalmente a questão da exploração ilegal de madeira no seu interior.

Aproveitei o fato de estar na sede da FUNAI em Marabá para pesquisar, nos arquivos do órgão, novos documentos relativos à realização de contratos entre os Xikrim e as madeireiras. Não encontrei nada de significativo em relação aos documentos de que já dispomos no NDI sobre a questão. Apesar disso, obtive cópia do convênio assinado entre os Xikrim e a Companhia Vale do Rio Doce - CVRD, com a intermediação da FUNAI, necessário para que eu me informasse sobre as obrigações da CVRD para com a vigilância da Área do Cateté.

No dia 04, às 3:00 horas da madrugada, saí de Marabá por via terrestre, com destino ao local denominado Caldeirão, onde apanharia um barco que me levaria até a aldeia Xikrim. Estava acompanhado de Isabelle Giannini e Roberto Costa. O Caldeirão já se situa dentro da área do Programa Ferro-Carajás, da CVRD, sendo o ponto onde melhor se acessa a aldeia Xikrim por via fluvial. Para tanto, é necessário descer os rios Itacaiunas e Cateté, só navegáveis no período das chuvas devido à existência de trechos "encachoeirados".



NÚCLEO DE DIREITOS INDÍGENAS

Cheguei à aldeia do Cateté às 16:00 horas do dia 04. Fiquei alojado nas instalações da FUNAI situadas próximas à aldeia. Nesse mesmo dia, fui conversar com os Xikrim sobre o motivo da minha ida até a área, ficando acertado que no dia seguinte iniciariamos a reunião sobre o problema da madeira com todos os guerreiros daquela sociedade indígena.

A reunião aconteceu no "ngôb", que é a casa dos homens, localizada no centro da aldeia. Expus na ocasião o que o NDI intentava fazer para cessar a retirada ilegal de madeira da área, deixando claro para os chefes e guerreiros que era a última vez que conversávamos com eles sobre o assunto, pois das outras vezes os Xikrim afirmaram que iriam parar de firmar contratos de venda de madeira, mas, na prática, não o fizeram. Disse para eles que não era aceitável os Xikrim afirmarem que não querem mais tirar madeira no período chuvoso, quando isso não é possível, e no tempo da seca permitirem a entrada das madeiras em suas terras.

Isabelle falou da reunião que estava marcada com representantes da CVRD para o dia 08 de março, na sede do programa Ferro-Carajás, em Carajás, onde seria tratada a questão da vigilância da Área Xikrim e a criação de alternativas econômicas à exploração da madeira. Isabelle também abordou a questão da aeronave pertencente à comunidade, que se encontrava em poder do segundo cacique, Karangré, filho de Botiê, primeiro cacique. Isabelle comentou o fato de a aeronave não estar servindo aos Xikrim, estando inclusive voando para o garimpo do Tapieti, localizado na área do Gorotire dos Kaiapó.

Após a nossa reunião, os Xikrim ficaram de conversar entre eles para anunciar as suas decisões. No dia 06/03, fui chamado juntamente com Isabelle e Roberto Costa (FUNAI), para ouvir dos chefes Bemoti e Botiê e demais guerreiros, que os Xikrim não mais celebrariam contratos de madeira, autorizando o NDI a encaminhar as medidas judiciais necessárias ao caso. Em relação à aeronave, os Xikrim resolveram retirá-la das mãos do índio Karangré, não aceitando porém a sugestão dada por Isabelle de vendê-la, dado os seus altos custos de manutenção (contratação de piloto, revisões mecânicas, combustível etc.).



NÚCLEO DE DIREITOS INDÍGENAS

Como a aeronave que se encontrava estacionada no aeroporto da cidade de Tucumã (PA) veio até a aldeia durante a nossa permanência, os Xikrim aproveitaram a oportunidade para retê-la. O piloto, que a conduzia, acabou sendo resgatado por um outro avião que se dirigia à aldeia Xikrim do BacQjá, para apanhar o seu cacique, Bep Tok (onça), com o fim de levá-lo à Tucumã para conversar com madeireiros locais sobre a celebração de contratos de venda de madeira para o ano de 1993.

Após a retenção da aeronave, foram transmitidas informações pelo rádio do posto da FUNAI, dando conta da vinda para a aldeia do Karangré, acompanhado dos caciques Kaiapó Tapieti e Kube-in, do Gorotire. Viriam com o intuito de liberar a aeronave, além de conversarem sobre a assinatura de contratos de exploração de madeira na área do Cateté. Essa vinda acabou não acontecendo.

Quanto à reunião com a CVRD, acertamos com os Xikrim os seguintes pontos de reivindicação: construção imediata de 03 casas na aldeia; construção da estrada do Bekuari, para retirar a área do seu atual isolamento; apoio para a conclusão do levantamento do Projeto de Inventário Florestal e a sua conseqüente implantação.

Ainda no dia 06, Isabelle comunicou aos Xikrim que estaria viajando para a área Menkragnoti, ocupada pelos índios Kaiapó, para realizar um trabalho para a Fundação Mata Virgem (FMV), sobre a venda de madeira praticada pelos Kaiapó. Os Xikrim deixaram transparecer não aceitar que Isabelle realizasse esse trabalho, mencionando, como motivo, as suas divergências com os Kaiapó daquela área. Isabelle ficou de avaliar a conveniência ou não de fazer a viagem.

No dia 07/03, retornei às 8:00 horas, da aldeia Xikrim para a sede do projeto Ferro-Carajás, onde cheguei por volta das 15:00 horas. Permaneci o restante do dia em Carajás, já que a reunião com a CVRD só aconteceria no dia 08/03, pela manhã. A reunião com a CVRD contou com a minha presença, a de Isabelle Giannini (antropóloga que acompanha a execução do convênio), Roberto Costa, Luis Carlos Nepomuceno (gerente do convênio - da CVRD) e Antônio Venâncio (administrador do convênio - CVRD).

Apresentamos as reivindicações dos Xikrim aos representantes da CVRD, que, em relação à construção determinaram o seu início imediato. No tocante à conclusão do inventário florestal, entregamos orçamento elaborado pelo



NÚCLEO DE DIREITOS INDÍGENAS

CEDI, com os gastos necessários à sua realização. A CVRD ficou de oferecer uma resposta no prazo de 20 dias. Na parte relativa à estrada, ficou acertado que a CVRD encomendaria a elaboração de um estudo de viabilidade técnica da sua construção, a ser concluído no prazo de 60 dias, quando haveria uma nova discussão sobre o assunto. Acertou-se também, que a cada semestre acontecerão reuniões para avaliação da execução do convênio.

Retornei a Marabá naquele mesmo dia (08/03), tendo viajado para Brasília no dia 09/03, às 9:45 horas, onde cheguei às 13:00 horas. Agora trataremos de concluir a redação da Ação Judicial com o fim de interditar a área Xikrim do Cateté à exploração madeireira, além de exigir a sua recomposição ambiental por parte das madeiras.

Quanto ao convênio, conversei com Isabelle sobre a necessidade da sua reorientação, pois é inadmissível que o controle de todas as informações e decisões sobre o mesmo, fiquem no âmbito estrito da FUNAI e CVRD. Os índios que assinaram o convênio com a CVRD não dispõem de dados sobre os valores exatos que a CVRD dispense com o convênio, quais os repasses feitos à FUNAI para a manutenção da sua estrutura na região, tais como contratação de funcionários, construção de instalações físicas, consertos de automóveis etc. A sugestão é que nos reunamos com Isabelle (CEDI e NDI), para definirmos as formas de acompanhamento do convênio e as propostas visando à sua reorientação.

Brasília, 12 de março de 1993.

Sérgio Leitão
Assessor Jurídico